

## ***Penny Dreadful*: Rastros de clássicos góticos em palimpsesto televisivo de horror**

Vanessa Davino (UFBA)<sup>1</sup>

**RESUMO:** A profícua tarefa de manipular diferentes sistemas semióticos, estabelecendo diálogos, mesclando intertextos, suplementado e reinterpretando um determinado texto de partida, possibilitou a comunhão e a cooperação entre produções artísticas distintas, não só entre o âmbito audiovisual e literário, mas também entre outros âmbitos de expressão artística. Narrativas clássicas de autores renomados como Mary Shelley, Oscar Wilde e Bram Stoker são exemplos de textos canônicos que há séculos pertencem ao domínio público, influenciando múltiplas gerações de escritores, cineastas e uma longa lista de tradutores intersemióticos. Em 2014 o roteirista americano John Logan reuniu o DNA de clássicos como *Frankenstein* (1818), *The Picture of Dorian Gray* (1891) e *Dracula* (1897) na série televisiva *Penny Dreadful* exibida no canal *Showtime*, mostrando que uma tradução não só revitaliza ecos do passado, mas também possibilita o acesso de clássicos para um determinado público que não teve a oportunidade de apreciá-los no universo literário. Os célebres personagens malditos, entre eles, vampiros, lobisomens, monstros e outros seres sobrenaturais são resgatados de seus enredos solitários e reunidos em uma única saga de horror e suspense. Resumidos, mesclados e enxertados na adaptação audiovisual, os clássicos Góticos se inserem como principais ingredientes de uma produção veiculada em um meio que incansavelmente já reproduz e se alimenta de outras artes. Embasado nos estudos sobre Intertextualidade do teórico Gérard Genette (2006) e da autora Anna Balogh (2002) que trata da presença de intertextos audiovisuais inseridos em produções televisivas, o presente artigo pretende verificar rastros de diferentes intertextos inseridos na série de TV em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução intersemiótica. Literatura Gótica. Televisão. Intertextualidade. Adaptação.

**ABSTRACT:** The prolific task of manipulating different semiotic systems, establishing dialogues, mixing intertexts supplementing and reinterpreting a particular target text, enabled the communion and cooperation between different artistic productions, not only between the audiovisual and literary scope, but also between other areas of artistic expression. Classic narratives of renowned authors such as Mary Shelley, Oscar Wilde and Bram Stoker are examples of canonical texts that belong to the public domain for centuries, influencing multiple generations of writers, filmmakers and a long list of

---

<sup>1</sup>Mestre em Literatura e Cultura - UFBA

intersemiotic translators. In 2014, the American screenwriter John Logan brought together the DNA of classics like *Frankenstein* (1818), *The Picture of Dorian Gray* (1891) and *Dracula* (1897) in the television series *Penny Dreadful* displayed on *Showtime*, showing that a translation not only revitalizes echoes of the past but also provides a certain audience access to classical texts that they didn't have the opportunity to enjoy through the literary universe. The famous cursed characters, among them, vampires, werewolves, monsters and other supernatural beings, are rescued from their lonely plots and assembled into a single saga of horror and suspense. Summarized, mixed and grafted into the audiovisual adaptation, the Gothic classics are turned into the main ingredients of a production conveyed by a vehicle that repeatedly reproduce and feeds on other arts. Based on the Intertextuality studies of Genette (2006) and author Anna Balogh (2002) who deals with the presence of audiovisual intertexts inserted in television productions, this article aims to verify traces of different texts inserted in the TV series in question.

**KEYWORDS:** Intersemiotic translation. Gothic Literature. Television. Intertextuality. Adaptation.

## 1. A reciclagem do Gótico através da tradução

A *tradução intersemiótica* ou *transmutação*, prática que o teórico russo Roman Jakobson classificou como a “[...] interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais [...]” (1959, p.64), é um ofício que continuamente atrai profissionais do mundo das artes. Desta maneira, uma peça teatral pode ser ressignificada em uma história em quadrinho, ou, um espetáculo de dança pode se inspirar em uma produção cinematográfica e vice-versa. As possibilidades são infinitas e assim, múltiplos cânones literários da língua inglesa já foram e ainda são alvos de traduções intersemióticas ao redor do mundo. É possível notar, que quando histórias clássicas de romances, peças ou contos não são integralmente apropriadas a fim de gerar um outro produto artístico, apenas os personagens célebres de tais obras são selecionados e submetidos à incessantes revisitações, atualizações, reinvenções e deslocamentos. Meios de comunicação de massa, como a televisão e o cinema, reproduzem em som e imagem as inúmeras alternativas para a recriação de obras canônicas e seus personagens clássicos, que ao longo da História deixaram de ser apenas palavras imaginadas e imortalizadas em uma folha de papel.

A primeira temporada da série de televisão *Penny Dreadful*, exibida entre abril e junho de 2014 no canal americano *Showtime* e no Brasil pelo canal HBO, reúne, em oito episódios, famosos personagens que marcaram a literatura Gótica e Romântica de língua inglesa. O título da produção televisual referencia explicitamente os antigos *penny dreadfuls*<sup>2</sup> (centavos de horror), ingleses do século 19, que eram livretos baratos de ficções melodramáticas, sensacionalistas e, certamente, de terror, vendidos semanalmente nas ruas londrinas. O seriado criado por John Logan se converteu em uma espécie de “projeto Frankenstein”, pois o roteirista, de fato, costura as tramas de Victor Frankenstein, Dorian Gray, Drácula e outros elementos oriundos da tradição Gótica em um único texto. Agrupados em Londres, em plena era Vitoriana, como se consistissem em membros fiéis de uma pequena liga da justiça, os protagonistas Sir Malcolm, explorador das selvas africanas, Vanessa Ives, uma médium clarividente, Ethan Chandler, um pistoleiro americano, Frankenstein, um jovem médico e o misterioso Zambene, aliado de Malcolm, lutam contra as forças do mal, a fim de libertar a filha de Malcolm, Mina, das garras de uma entidade vampiresca, cujo poder não está longe de propiciar o fim do mundo. Em *Penny Dreadful*, as conhecidas histórias relatadas em *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley, em *Dracula* (1897) de Bram Stoker ou em *The Picture of Dorian Gray* (1891) de Oscar Wilde não são os elementos centrais da série, contudo, as temáticas que envolvem cada personagem são conciliadas, resumidas, estilizadas e reformuladas para dar origem à ideia principal da narrativa audiovisual.

Na série, a história de Dorian Gray ainda permanece sem pleno desenvolvimento, pois para o telespectador só é revelado que o jovem rico e bem afeiçoado é imediatamente atraído pela personagem Vanessa Ives e semelhante ao personagem de Wilde, aprecia novas experiências e se relaciona sexualmente tanto com homens como mulheres, contudo, os detalhes sobre sua vida, ainda não foram revelados por Logan. Já o personagem Drácula é explorado através de pequenos detalhes, sem que seja necessária a menção do popular conde bebedor de sangue em nenhum dos capítulos da

---

<sup>2</sup> Informação coletada em: GUILLEY, Rosemary Ellen. *The encyclopedia of vampires, werewolves, and other monsters*. New York: Facts on File, 2005.

série, contudo, Abraham Van Helsing, interpretado por David Warner, e Mina Murray, incorporada pela atriz Olivia Llewellyn, ainda aparecem como nomes diretamente citados da obra de Stoker e que reforçam a existência do imortal na ficção televisiva em questão. Van Helsing, por sua vez, ainda é o ilustre caçador de vampiros do autor irlandês. É ele, que na série, alerta seu amigo Victor Frankenstein, interpretado pelo ator inglês Harry Treadaway, sobre a existência de vampiros, seres que já tinham um espaço reservado na literatura da época, especialmente em *penny dreadfuls*. É válido acrescentar, que o encontro de Van Helsing com Victor Frankenstein oferece um estimulante jogo de intertextualidade que, somente funciona para o telespectador que já possui uma relação mais íntima com memoráveis produções de horror. Em uma biblioteca, Van Helsing apresenta ao jovem doutor, um *penny dreadful* denominado *Varney the Vampire; or The Feast of Blood* (1847) de James Rymer, obra vampiresca, que, por sua vez, teve grande influência sobre o romance Gótico de Stoker<sup>3</sup>, onde originalmente, o próprio Van Helsing está presente. Ou seja, neste momento, a tradução intersemiótica, à medida que deixa transparecer os rastros de sua obra de partida, revela também vestígios de outras obras que foram aproveitados para elaboração do texto em que ela própria se inspirou. O habilidoso caçador de seres notívagos aparece brevemente no quarto e sexto episódio da série, contudo, as palavras que ele transmite ao jovem Frankenstein ecoam ao longo de toda a produção, “For the dead travel fast”<sup>4</sup>. Nos episódios seguintes, o telespectador pode notar que esta não é a única referência literária explícita proferida pelos personagens da série. A frase, “What death can join together,” empréstimo de uma linha da elegia *Adonais* (1821) escrita por Percy Bysshe Shelley, não só intitula o antepenúltimo episódio da série, como também é repetida como um mantra pelos protagonistas da trama.

Indubitavelmente, os personagens de *Penny Dreadful*, estão ligados pela morte e são suas experiências com ela que os permitem interagir entre si, fortalecendo o pacto secreto do estranho quinteto. Morte *versus* eternidade, redenção *versus* culpa, amor *versus* loucura, ceticismo *versus* religião, prazer *versus* violência, adventos da ciência

---

<sup>3</sup>Informação coletada em: BUNSON, Matthew. *The Vampire Encyclopedia*. New York: Gramercy Books, 2000.

<sup>4</sup> As mesmas palavras podem ser encontradas no primeiro capítulo da obra de Stoker. Na ocasião, um viajante as profere para o personagem Jonathan Harker que está a caminho do castelo de Drácula. A frase, por sua vez, revisita outra frase, “Denn die Todten reiten schnell” do poema alemão *Lenore* (1774) escrito por Gottfried August Bürger.

versus horror, são temas constantes que circundam a trajetória daqueles que uniram forças para resgatar Mina Murray. Esta, na maior parte da trama, tem sua identidade desenvolvida por meio do ponto de vista de outros personagens. Deste modo, a filha de Malcolm é apresentada aos telespectadores através de *flashbacks*, já que desde o primeiro episódio, Mina se encontra nas mãos de seu maligno sequestrador. A personagem, que na infância era melhor amiga da protagonista Vanessa Ives, incorporada pela atriz Eva Green, ainda contém o DNA da ingênua Murray de Stoker, pois ela está noiva quando o ser sanguinolento a rapta e a transforma em um vampiro.

Victor Frankenstein também conserva seus laços de sangue com o seu predecessor literário. Ele ainda é um personagem fascinado por descobertas anticonvencionais, marcado pela perda de seus antequeridos e mais tarde encontra um modo de criar vida, reanimando restos mortais alheios. Sua história, como a de Mina Murray, mantém um elo inquebrável com sua obra de partida, embora, também ofereça um outro olhar mais arrojado sobre o clássico personagem, que na série traz à vida dois monstros, Caliban, incorporado por Rory Kinnear, e Proteus, incorporado por Alex Price. O Frankenstein de John Logan é um amante de Shakespeare e o fato de seus “filhos” terem nomes de personagens das peças teatrais, *The Two Gentleman of Verona* escrita entre 1589 e 1592 e *The Tempest*, escrita entre 1610 e 1611, certamente, não ocorreu como um mero acidente. No que se refere à personalidade do antagonista do texto shakesperiano e o ser grotesco de Logan, é possível estabelecer paralelos entre eles. A monstruosidade do Caliban da série televisiva e a do **Caliban** de *William Shakespeare* é selvagem e desumana, ambos são vistos como criaturas fisicamente e mentalmente deformadas, entretanto, ambos também têm seus momentos poéticos. O Caliban televisivo, depois de aprender a ler sozinho, herda do seu criador os livros de Wordsworth, William Blake, John Keats e outros poetas românticos que lhe fizeram companhia quando seu “pai” o abandonou. Por isso, suas falas estão sempre carregadas de referências literárias e até mesmo sem ele saber, o nome que lhe é dado, é uma citação. O lirismo do Caliban literário nasce do seu habitat natural, seus fervorosos discursos acerca de sua terra nativa são oriundos da sua profunda ligação com a ilha em que ele cresceu, fato que, brevemente demonstra o sentimentalismo existente no coração do filho de Sycorax.

O monstro de Frankenstein retratado em *Penny Dreadful* ainda cobiça Maud Gunneson, uma atriz que atua no teatro Grand Guinol, enquanto o vilão Shakespeariano cobiça Miranda, filha de Prospero, duque que usurpa o território de Caliban e o escraviza. Ambos os Calibans não são felizes em suas conquistas, que desde o início, estão fadadas ao insucesso. É possível observar que os dois personagens compartilham de características em comum que ora despertam o horror, ora despertam a simpatia, de quem os lê.

A série de televisão *Penny Dreadful*, de fato, reproduz o papel dos antigos *penny deadfuls*. A cada semana partes de uma terrível história se desenvolvia, com sustos instigantes e reviravoltas excitantes que prendiam a atenção dos leitores a ponto de fazê-los comprar os próximos capítulos da trama. Telespectadores, da mesma forma, aguardam ansiosos a cada semana pela continuação de uma narrativa fragmentada, que vai se completando ao longo de uma ou várias temporadas. A diferença, é que os *penny dreadfuls* impressos em papel naquela época não compreendiam o arcabouço intertextual que a série de TV é capaz de incorporar. As referências vão além do campo verbal, pois ainda incluem o sonoro e o imagético. Afinal, como ressalta Anna Balogh, ao tratar da intertextualidade na ficção televisiva,

[...] a TV devora programas, que devoram textos ou colagens de textos, ou, mais ainda, colagens de gêneros inteiros, revistos, revisitados, transformados, mesclados, metamorfoseados, inovados e depois esquecidos com uma voracidade espantosa (2002, p.142).

*Penny Dreadful* (2014), como uma produção televisiva, não poderia estar isenta de hibridizações textuais, já que seria impossível fazer com que os populares personagens que a compõem escapassem da influência das inúmeras adaptações que sofreram anteriormente. Desta mesma forma, o gênero de horror, como herdeiro do Gótico, além de seguir padrões que são tradicionais do estilo, no contexto da série de TV em questão, se nutre e se mistura com outros gêneros, como o drama, a ação, o romance e a aventura. A bem-sucedida ficção televisiva, filmada em Dublin, na Irlanda, produzida por Sam Mendes, Pippa Harris e também pelo roteirista e criador da série John Logan, não conquistou apenas o público estadunidense, seu sucesso de audiência foi global, garantindo uma segunda temporada, que já está com data de estreia para o ano de 2015.<sup>5</sup>

---

5 Informação coletada em: <http://www.hollywoodreporter.com/live-feed/penny-dreadful-renewed-second->

A série seleciona cinco personagens clássicos - Mina Murray, Van Helsing, Dorian Gray, Frankenstein e sua Criatura, para reescrevê-los em uma nova narrativa que os reformula e os une, ao mesmo tempo em que, revitaliza e suplementa seus textos de partida, transformando a série em um excelente exemplo de tradução que não intenciona esconder o rastro de seu predecessor, pois recorta personagens de textos já pré-existentes e lhes dá uma diferente roupagem para compor uma criação também “original”. O teórico francês Gérard Genette em sua obra *Palimpsestos* (2006), cujo título, no sentido figurado, refere-se às obras derivadas de obras anteriores, ressalta que, o jogo de hipertextos<sup>6</sup> convoca o leitor a fazer uma leitura relacional, de modo que ele tenha em mente que estará lendo vários textos dentro de um único texto. Neste contexto, o autor ainda considera que,

[...] “a arte de fazer o novo com o velho”, tem a vantagem de produzir objetos mais complexos e mais saborosos do que os produtos “fabricados”: uma função nova se superpõe e se mistura com uma estrutura antiga, e a dissonância entre esses dois elementos co-presentes dá sabor ao conjunto. (2006, p.45)

Neste contexto, a série de TV em questão seria um tipo de palimpsesto eletrônico, onde personagens clássicos são reproduzidos dentro de uma panorâmica vitoriana – já retratada de diversas formas no meio audiovisual - que representa as ansiedades e inquietudes da época através de monstros como lobisomens, serial killers, deuses egípcios, espíritos malignos, vampiros e outras entidades icônicas do universo do horror, que por sua vez, ameaçam o progresso e a ordem da civilização humana. John Logan montou uma história reinventando “imitações” e o êxito de sua empreitada reflete a própria função da tradução de manter o texto de partida revitalizado e sempre receptivo às novas gerações.

De acordo com John Kenneth Muir (2001), as histórias de horror, apesar de em muitas ocasiões serem negligenciadas ou ridicularizadas pela crítica, acabam triunfando sempre que o público busca substituir complexos infortúnios da vida real por demônios imaginários. Uma série de horror Gótico, como *Penny Dreadful* (2014) não atrai somente os amantes das narrativas de terror, mas também aqueles que leram as obras em que originalmente os personagens clássicos estavam contidos. Os telespectadores, então, conhecem o formato do gênero ou as quais outros gêneros a série possivelmente irá

---

season-708975

6 Segundo Genette (2006), seriam “textos de segunda mão”, aqueles que por ordem descritiva ou intelectual resultam de outros textos.

aludir. Sobre a questão da produção televisiva como um emaranhado de repetições que funcionam como inovações, Umberto Eco pontua que,

[...] Na série, o leitor acredita que desfruta da novidade da história enquanto, de fato, distrai-se seguindo um esquema narrativo constante e fica satisfeito ao encontrar um personagem conhecido, com seus tiques, suas frases feitas, suas técnicas para solucionar problemas. A série neste sentido responde à necessidade infantil, mas nem por isso doentia, de ouvir sempre a mesma história, de consolar-se com o retorno do idêntico, superficialmente mascarado” (ECO, 1989, p. 123).

Ao comparar, sob a óptica dos estudos de tradução, os personagens literários Van Helsing, Mina Murray, Victor Frankenstein e sua Criatura com suas versões na série de TV *Penny Dreadful*, é possível verificar este formato tradicional de história de terror que gira em torno de temáticas já exploradas, contudo, ainda é eficaz e ressuscita todo o tempo elementos tradicionais das mais variadas formas de se contar uma mesma história, ou interpretá-la através um ponto de vista diferente. Tal prática não se desvincula da noção de criativa tradução, nem ignora presença do *rastro* como “a unidade de um duplo movimento de protensão e retenção”, em que um elemento sempre se relaciona com outro, “guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se moldar pela marca de sua relação com o elemento futuro”. (DERRIDA, 1983, apud RODRIGUES, 2000, p. 104). A série de Logan pode, de fato, ser considerada o que Tiphaine Samoyault (2008) chamou de um “mosaico de citações”, que constrói textos nos rastros de outros textos, alternando empréstimos ou sucessivas suplementações e trazendo consigo as marcas de suas realizações juntamente com a perspectiva de seu realizador. Então, se a televisão é uma espécie de sanguessuga, se o tradutor pode ser considerado um vampiro e a tradução uma forma de vampirização<sup>7</sup>, a série *Penny Dreadful* é mais uma cria sanguinolenta, sucessora de misteriosas veias imortais, sem origem definida, que se nutre do velho, do novo, se modifica, se atualiza e permanece eterna, sem data de expiração. Seu nome pode ser apagado ao longo dos anos, mas sua substância manterá o horror Gótico fértil para outra legião de vampiros futuros.

## REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. **O Signo Desconstruído**: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino. (Org.)Pontes, 2003.

<sup>7</sup> A ideia de tradução como vampirização foi desenvolvida na minha dissertação de mestrado *Entrevista com o Vampiro: do romance gótico ao filme de terror* publicada em 2014 pela editora NEA.

ASSIS, Vanessa da Conceição Davino. **Entrevista com o Vampiro: do romance gótico ao filme de terror**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

BALOGH, Anna Maria. Intertextualidade e ficção na TV. In: \_\_. **O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas**. São Paulo: Ed. USP, 2002.

BUNSON, Matthew. **The Vampire Encyclopedia**. New York: Gramercy Books, 2000.

ECO, Umberto. **A inovação do seriado**. In: . Sobre os espelhos e outros ensaios. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GENETTE, Gerárd. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Ed. bilíngüe. Trad. Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006. (Caderno Viva-Voz).

GUILEY, Rosemary Ellen. **The encyclopedia of vampires, werewolves, and other monsters**. New York: Facts on File, 2005.

JAKOBSON, Roman. **Aspectos Lingüísticos da tradução**. In: \_\_. **Lingüística e Comunicação**. Trad. BLIKSTEIN, Izidoro; PAES, José Paulo. São Paulo: Cultrix, 1959.

MUIR, John Kenneth. **Terror Television: American Series, 1970–1999**. McFarland & Company: Londres, 2001.

'Penny Dreadful' Renewed for Second Season at Showtime. Disponível em: <  
<http://www.hollywoodreporter.com/live-feed/penny-dreadful-renewed-second-season-708975>>

PENNY Dreadful. Primeira temporada, 2014. Roteiro: John Logan. Direção: J. A. Bayona, Dearbhla Walsh, Coky Giedroyc, James Hawes. Produção: John Logan, Sam Mendes, Pippa Harris. Intérpretes: Josh Hartnett, Timothy Dalton, Eva Green, Rory Kinnear, Billie Piper. 3 DVDS (480 min.)

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e Diferença**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SHAKESPEARE, William. **The Tempest**. Disponível em: <  
<http://shakespeare.mit.edu/tempest/full.html>>

Shelley, Mary Wollstonecraft . **Frankenstein, or the Modern Prometheus**. Disponível em:  
< <http://www.gutenberg.org/files/84/84-h/84-h.htm>>

SNODGRASS, Mary Ellen. **Encyclopedia of Gothic Literature**. New York: Facts On File, 2005.

Stoker, Bram. **Dracula**. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/345/345-h/345-h.htm>>